



Gabinete do Arcebispo Primaz

NOTA PASTORAL

Ref. NP_01/2021

Nota pastoral na sequência
de novo confinamento

Braga, 13.jan.2021

Ser Igreja em tempo de pandemia

A gravidade da situação pandémica impôs-nos um novo confinamento. Sabemos que a normalidade da vida pastoral tem sido muito condicionada. Gostaríamos de poder continuar, em plena liberdade, o nosso serviço de dedicação à comunidade. Teremos de o fazer, mas de outro modo. Até hoje temos sido exímios cumpridores de todas as orientações da Direção Geral da Saúde, tornando os nossos espaços – igrejas e lugares de encontro – seguros. Os gastos com o processo de higienização têm sido elevados, criando dificuldades às debilitadas economias. O trabalho das equipas de acolhimento valeu pela segurança criada, mas também pela sensibilização, sobretudo das pessoas idosas e com dificuldades em cumprir, com reflexos nos comportamentos diários do convívio de proximidade.

Consciente das responsabilidades que nos competem, convido a que não permitamos sinais de desleixo motivados pelo cansaço, ou por nos parecer que as coisas poderiam funcionar de outro modo. Seremos cumpridores escrupulosos de tudo quanto nos é determinado, numa atenção permanente a tudo quanto venha a ser determinado.

Se o confinamento nos vai impedir um trabalho presencial, deveremos encontrar processos para testemunhar proximidade com todos. É um momento para nos consciencializarmos de que somos comunidade onde nos inter cruzamos na ajuda para tornar esta circunstância uma oportunidade e crescermos no amor entre nós, testemunhando uma solidariedade afectiva e uma solicitude efectiva. Ninguém se deverá sentir sozinho, mas sabemos que muitas pessoas vão passar estes dias mergulhados numa grande solidão e isolamento.

Temos um programa pastoral que não pode ser esquecido. Nele dizemos que queremos ser uma Igreja sinodal: com isto estamos a dizer que caminhamos juntos. Não basta permanecer nas boas intenções. Precisamos de concretizar este sentido de caminhada conjunta, construindo uma fraternidade que a pandemia não só não pode destruir mas, antes pelo contrário, deve tornar mais forte e consistente. Nunca poderemos desconsiderar a importância da presença nas nossas relações. Mas o nosso Programa Pastoral também recorda que deveremos percorrer os caminhos digitais para que a comunhão não só não esmoreça, mas se solidifique sempre mais. Com a pandemia e no confinamento, as comunidades podem mostrar uma nova vitalidade que se torna ajuda para muitos e responsabilidade para cada um. Intensifiquemos, por isso, os laços e não cancelemos a vida da comunidade.



Dentro das exigências de um confinamento geral, teremos oportunidade de participar nas eucaristias, com a presença das pessoas, à semana, sábados e aos Domingos. Importa que sejam momentos de fé no amor a Deus e também de prece, para que Deus nos liberte desta peste. Tenho referido, em diversas ocasiões, que a pandemia deveria ser tempo para crescer na vivência de uma espiritualidade. De novo, solicito aos nossos cristãos que, ao lado dos nossos cuidados humanos, confiemos esta situação a Deus e invoquemos a proteção maternal de Maria. A pandemia deve ajudar-nos a redescobrir a importância da oração. Acreditar em Deus Amor, como recorda o Programa Pastoral, conduz-nos a atitudes de entrega e confiança de todas as preocupações. Não o esqueçamos. Coloquemos as comunidades em atitude de prece.

Se termos a possibilidade de participar nas eucaristias, determino que evitemos outras celebrações que possam provocar ajuntamentos de pessoas fora do âmbito litúrgico. Casamentos e batizados devem ser adiados, não pela celebração em si mas por aquilo que provocam. Poderão estar presentes poucas pessoas. Só que, mesmo que sejam famílias, procedem de ambientes diferentes e podem tornar-se portadores do vírus, provocando contágios que deverão ser evitados.

Os funerais merecem um cuidado muito especial. Sabemos o que encerram de emotividade, que deve ser controlada. Muitos morrem sem a companhia de familiares. Fazer o luto torna-se muito difícil. Importa que as comunidades privilegiem uma particular atenção aos familiares para que o amor se torne coragem e alento. As celebrações podem ter restrições mas nunca devem estar privadas de sinais variados de presença do pároco e das comunidades. Importa saber estar com quem sofre, nunca agravando a dor. Também aqui a caridade cristã nos sugerirá os gestos e atitudes mais adequadas. Nunca esqueçamos que a frieza nestes momentos é muito dolorosa. Também aqui teremos de olhar para o essencial da fé que nos concentra numa redescoberta do amor a Deus.

Do cumprimento de todas as orientações, e também da sensibilização que faremos junto das pessoas das nossas comunidades, poderemos esperar que a Quaresma nos possa dar alguma liberdade de movimentos. Infelizmente a luta terá de continuar e os nossos programas terão de adaptar-se. Trabalhando e rezando chegaremos a alguma normalidade, que exigirá sempre uma criatividade e adaptação das nossas rotinas. Acreditemos e comecemos, desde já, a discernir, sinodalmente, com as pessoas dos nossos conselhos. Vendo como realizar a caminhada quaresmal e particularmente a celebração da Semana Santa, com a vivência pascal, também através do compasso. Poderemos não o celebrar com as tradições. Encontraremos modos de vivenciar a ressurreição de Cristo em ambiente festivo.

Que Santa Maria de Braga nos acompanhe e proteja. Que S. Bartolomeu dos Mártires, que viveu a responsabilidade de encarar pessoalmente uma peste, nos conceda o dom de tornar as nossas comunidades presentes junto de quem sofre e gratos a todos quantos acompanham os doentes nos hospitais e lares. A cada um a responsabilidade de contribuir responsavelmente para o fim da pandemia.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*